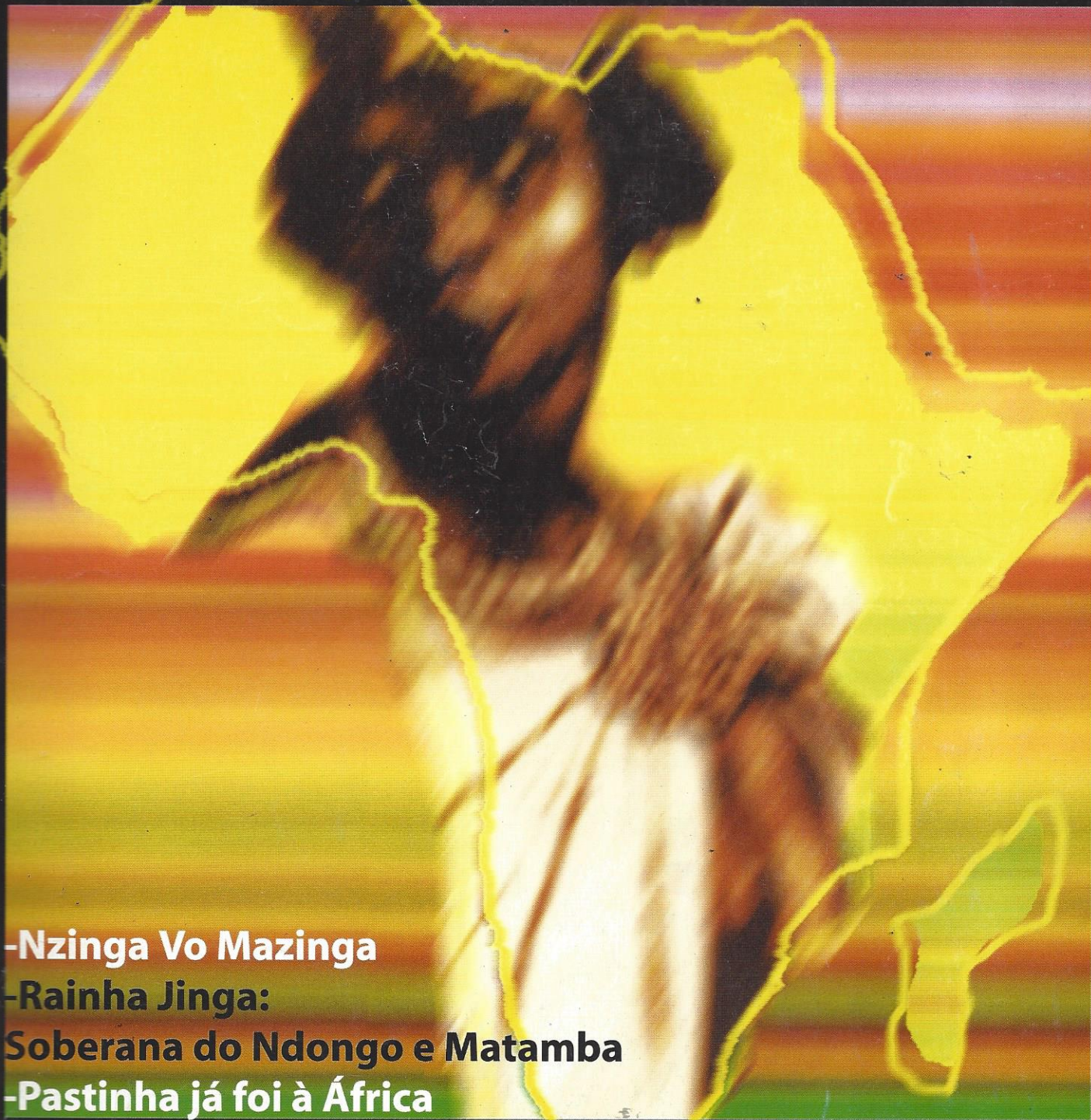


toques

Ano II, número dois, Brasília, Maio de 2004

D'ANGOLA





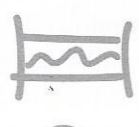




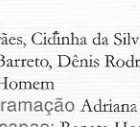
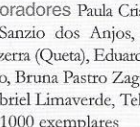






-Nzinga Vo Mazinga

-Rainha Jinga:

Soberana do Ndongo e Matamba

-Pastinha já foi à África

ÁFRICA

	6	Entendendo o Banto
	8	Nzinga Vo Mazinga
	10	A África, o Brasil e a Educação – Por que a Geografia é Importante?
	12	Sensibilidade de Gênero nas Políticas de Combate à Epidemia de HIV-AIDS
	14	Mia Couto e a Literatura Africana de Língua Portuguesa
	16	Rainha Jinga: Soberana do Ndongo e Matamba
	20	A Ilusão do Desenvolvimento
	22	Uma “Volta” às Tradições Religiosas Oraís dos Negros
	24	Aspectos do Imaginário Africano presentes na Música feita na Diáspora Negra
	26	Compartilhando Idéias e Responsabilidades
	28	Angola e Brasil no século XVII: “Porque sem Negros não há Pernambuco e sem Angola não há Negros”
	30	Lula na África
	32	O Poder de Criar – Gênero e Política nas Culturas Africanas
	34	Pastinha já foi à África
	36	África?
	38	Ajagùnnà – Saudações à terra do Axé

Expediente

Editoria Haroldo Guimarães, Cidinha da Silva
Editoria Adjunta Paula Barreto, Dênis Rodrigues, Gabriel Limaverde
Edição de Arte Renata Homem
Projeto Gráfico e Diagramação Adriana Shibata
Arte da 1ª, 2ª, 3ª e 4ª capas: Renata Homem
Colaboradoras e Colaboradores Paula Cristina da Silva Barreto (C.M Paulinha),
Cidinha da Silva, Rafael Sanzio dos Anjos, Nisiona-Tendani (Kongolo), Félix
Ayoh'omidire, Francisco Bezerra (Queta), Eduardo Henrique de Oliveira, Valéria Maria
Borges, Swai Roger Teodoro, Bruna Pastro Zagatto, Pedro Alexandre V. Gonçalves,
Maria Caroline Veloso, Gabriel Limaverde, Telma Litwinczik, Dênis Rodrigues.
Tiragem desta edição 1000 exemplares
ISSN 1679-8481

Toques d'Angola é uma publicação do Instituto Nzinga de Estudos da Capoeira Angola e de Tradições Educativas Banto no Brasil – INCAB, do qual é parte o Grupo Nzinga de Capoeira Angola. Destina-se à divulgação e discussão das questões que interessam não só aos capoeiristas angoleiros, mas a toda a comunidade sintonizada com as africanidades, no Brasil e na África.

Contatos:
www.nzinga.org.br
São Paulo: Cidinha da Silva Telefones:(11)3502-2126 e-mail: institutonzinga@uol.com.br
Salvador: Paula Barreto Telefones:(71)346-5215 / 9989-2923 e-mail: paulacbarr@uol.com.br
Brasília: Haroldo Guimarães Telefones:(61)327-9265 / 8112-8766 e-mail: harry2@uol.com.br

A ÁFRICA, O BRASIL E A EDUCAÇÃO POR QUE A GEOGRAFIA É IMPORTANTE?

Por Rafael Sanzio Araújo dos Anjos

Uma das questões estruturais relacionada à cultura africana no Brasil, que continua merecendo investigação e conhecimento, diz respeito aos aspectos geográficos da África e suas relações com a formação do território brasileiro. Configura-se uma necessidade de recuperação e resgate dos fragmentos de informações e referências que possam permitir a construção de um perfil das culturas africanas e do negro brasileiro na estruturação territorial e no desenvolvimento do Brasil. Estabelecer e reconhecer outras perspectivas para uma compreensão do tráfico, da escravidão e da diáspora africana, como elementos formadores do mundo contemporâneo, constitui pressuposto básico para traçar um contexto mais adequado do papel das culturas negras na configuração espacial do território e do povo brasileiros. Preconizamos que essas questões estruturais são fundamentais para se compreender, ter respeito e valorizar as diferenciações étnicas e culturais existentes no país.

Este breve ensaio visa auxiliar na ampliação das reflexões sobre aspectos da geografia africana e seu rebatimento na formação do território e do povo brasileiros. A geografia é a ciência do território, e o território é o melhor instrumento de observação do que está acontecendo no espaço geográfico. Ela expõe a diversidade regional, as desigualdades espaciais, as potencialidades da natureza e a heterogeneidade da população. Essa é a área do conhecimento que tem o compromisso de tornar os lugares e suas dinâmicas mais compreensíveis, de dar explicações para as transformações territoriais e de apontar soluções para as incongruências e incompatibilidades espaciais.

O território africano, componente fundamental para uma compreensão mais apurada das questões que envolvem o papel do negro na sociedade brasileira, não

pode deixar de ser entendido como um espaço produzido pelas relações sociais ao longo da sua evolução histórica, suas desigualdades, contradições e apropriação que esta e outras sociedades fizeram, e ainda fazem, dos recursos da natureza. É relevante lembrar que a África foi marcada por vários séculos de opressão, presenciando gerações de exploradores, de traficantes de escravos, de missionários, de seres humanos de toda ordem que acabaram por fixar uma imagem hostil dos trópicos, cheios de forças naturais adversas ao colonizador europeu e de homens ditos indolentes. Essa imagem, que foi sendo ampliada, não considerava os processos históricos como fatores modeladores da organização social, mesmo diante dos elementos da natureza. Nesse contexto, não é de causar espanto o lugar insignificante e secundário que foi dedicado à historiografia africana em todas as histórias da humanidade.

Por possuir a maior parte do território na zona intertropical, a África é o continente mais uniformemente quente do planeta. Esse calor faz-se acompanhar de seca, crescente em direção aos trópicos, ou de umidade, geralmente mais elevada nas baixas latitudes. A Figura 1 revela os grandes padrões de vegetação desse continente, destacando os espaços desérticos no norte e no sul. O mapa revela, também, a distribuição dos recursos minerais e energéticos, informação básica para compreendermos a cobiça pela dominação territorial que se processou no continente africano. Protegida por dois oceanos, um imenso deserto e um litoral não muito hospitaleiro, a África permaneceu por séculos fora das rotas comerciais. O isolamento nunca foi completo, o oceano Índico favoreceu o contato entre a África Central e o sul da Ásia, assim como o extremo norte da África sentiu as influências do mundo mediterrâneo. Esse deserto atuou como uma espécie de filtro natural, limitando a penetração de influências do mundo europeu.

Povos árabes, indianos, chineses e outros do

